

FACULDADE DE SÃO LOURENÇO
PSICOLOGIA

CAMILA DE OLIVEIRA COSTA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FEMINISMO:
AS PERSPECTIVAS DE MULHERES ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

SÃO LOURENÇO
2020

CAMILA DE OLIVEIRA COSTA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FEMINISMO:
AS PERSPECTIVAS DE MULHERES ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Trabalho apresentado a banca examinadora da Faculdade de São Lourenço como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Leandro Ferreira Santos

SÃO LOURENÇO

2020

CAMILA DE OLIVEIRA COSTA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FEMINISMO: AS PERSPECTIVAS DE
MULHERES ESTUDANTES DE PSICOLOGIA**

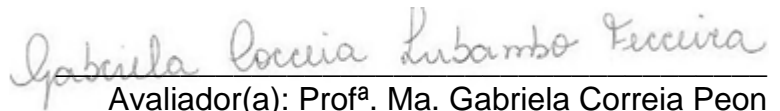
Trabalho apresentado a Faculdade de São Lourenço, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovação: São Lourenço, 30 de novembro de 2020.

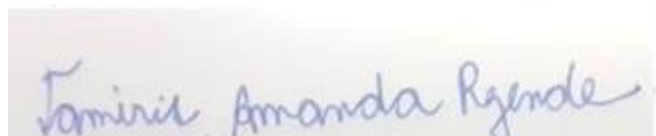
BANCA EXAMINADORA:



Orientador: Prof. Me. Leandro Ferreira Santos
Docente na Faculdade de São Lourenço



Avaliador(a): Profª. Ma. Gabriela Correia Peon
Docente na Faculdade de São Lourenço



Avaliador(a): Profª. Ma. Tamiris Amanda Rezende
Professora Convidada

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FEMINISMO: AS PERSPECTIVAS DE MULHERES ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

CAMILA DE OLIVEIRA COSTA

RESUMO

O feminismo sofreu diversas transformações através do tempo, entretanto, de um modo geral, o movimento ainda possui o mesmo intuito: a busca pela igualdade de gênero. O feminismo abrange uma série de discussões em favor da mulher, como a proteção e prevenção contra violência, o questionamento de padrões socialmente estabelecidos e concebidos pelo machismo, o controle sobre o próprio corpo, entre outras pautas. A luta pelo exercício da autenticidade da mulher se faz presente nos debates feministas desde o início do movimento sociopolítico e ainda se manifesta nos dias de hoje. No decorrer do tempo, as mulheres passaram a ocupar maior espaço no mercado de trabalho e também nas instituições de ensino superior, se profissionalizando e se tornando independentes. Entre as ocupações, é possível localizar àquelas essencialmente 'femininas', como por exemplo, a psicologia. Talvez esse estigma esteja associado a ser uma profissão de cuidado e também ocupado em maior parte por pessoas do sexo feminino. Dessa forma, a investigação das representações sociais do feminismo para as estudantes do curso de psicologia mostra-se interessante devido ao caráter social do curso e pela ocupação em maior número por mulheres.

Palavras-chave: Feminismo; psicologia; representações sociais; mulheres.

INTRODUÇÃO

Através de uma perspectiva histórica é possível perceber as diferenças entre os gêneros feminino e masculino. Tais diferenças foram estabelecidas no decorrer do tempo por meio de um viés social que atribuiu determinadas funções para cada um dos gêneros. Por meio dessas funções, o sexo masculino conquistou espaços mais variados, exercendo certo privilégio em comparação as mulheres. Então, a partir da percepção das mulheres a respeito de tal sobreposição de gênero começaram a surgir questionamentos e reflexões, que deram origem ao feminismo. O feminismo como movimento sócio político teve conquistas significantes para as mulheres no decorrer

dos anos (TIBURI, 2018) e a partir dessas conquistas que muitas mulheres puderam ter acesso ao ensino superior, por exemplo.

Entre tantos cursos de ensino superior encontra-se a psicologia, um curso de natureza humana onde o público é majoritariamente feminino. (ARRUDA, 2002) A partir disso, tendo como foco o público feminino de uma universidade do interior de Minas Gerais, o presente trabalho busca estudar a compreensão de tais universitárias a respeito do feminismo, por meio da teoria das Representações Sociais.

O estudo a respeito da teoria das Representações Sociais traz como proposta o entendimento de como determinado grupo compreende certo fenômeno, neste caso em específico, o feminismo. A investigação partiu de um questionário e da técnica metodológica de grupo focal, onde foi investigado as representações sociais do feminismo para tais universitárias, visando a compreensão das mesmas acerca do feminismo por intermédio dos códigos estabelecidos.

No decorrer da análise dos resultados coletados no grupo focal pode-se observar algumas semelhanças nos questionamentos feministas ascendentes, assim como novas propostas de discussões e reflexões, fundamentadas pelo conhecimento das mesmas a respeito do tema.

De acordo com Beauvoir (2019, p. 186 vol. I), “[...] Toda a história das mulheres foi feita pelos homens.”, sendo assim, a interpretação do feminismo para mulheres torna-se algo a ser estudado e investigado, visto que o acesso das mulheres a própria história ainda é um processo em desenvolvimento.

FEMINISMO: HISTÓRIA, IDEOLOGIA E MANIFESTAÇÕES SOCIAIS

O feminismo como movimento social estruturado teve início no século XIX na França pelo Movimento Sufragista. Nesse contexto, tratamos de um movimento sociopolítico, em que mulheres da burguesia francesa buscavam o direito ao voto. Farias Monteiro e Grubba (2017) indicam que nessa época a reprodução da imagem das mulheres era diretamente associada as funções domésticas e matrimoniais. No entanto, tais representações passaram a ser questionadas. Criou-se assim, condições para o surgimento da primeira onda do feminismo.

A segunda onda do feminismo aconteceu no século XX, marcada por protestos nos Estados Unidos contra os concursos de beleza que sustentavam um padrão estético e social entre as cidadãs americanas. Essas manifestações surgiram devido ao crescente interesse das mulheres em pautas como o direito reprodutivo, sexualidade e combate a opressão que sofriam no cotidiano. As discussões acerca da opressão trouxeram questionamentos a respeito das relações entre os gêneros. Assim, as mulheres iniciavam um debate sobre a submissão feminina perante os homens. (FAHS, 2016)

Ainda no século XX é possível localizar historicamente a terceira onda do movimento feminista. Neste momento, a interseccionalidade foi colocada em discussão pela primeira vez. As mulheres lutaram juntas, mostrando que apesar de lugares diferentes compartilhavam objetivos e interesses semelhantes. Através do movimento punk feminino, as pautas relacionadas a sexualidade se tornaram ainda mais fortes. Possibilitaram debates ainda mais densos como aborto e o estupro. O patriarcado e as relações de poder também passaram a ser discutidos nessa mesma época. (BUTLER, 2019)

De acordo com Fahs (2016), no Brasil o feminismo esteve presente desde o período que chamamos de Brasil Colônia, porém, com poucos avanços. As lutas feministas na época eram a favor da educação, livre acesso ao mercado de trabalho, direito à vida política e ao divórcio. Durante a década de 1970 o Brasil vivenciava o regime militar e foi nesse cenário que o feminismo teve mais visibilidade, onde as mulheres se associaram ao movimento socialista que ia contra a opressão que regia a época. As décadas de 70 e 80 foram marcadas por lutas políticas a favor da igualdade de gênero e movidas pela vontade de conquistar a independência social e econômica das mulheres. (COSTA, 2004)

Nos anos de 1980, com a redemocratização do país, o feminismo ainda possuía a identidade política, buscando direitos iguais aos dos homens. Entretanto, o cunho social começara a ser despertado, passando a questionar as práticas machistas culturais da sociedade como um todo. Conseqüentemente, a comunidade acadêmica passou a ter mais interesse na história das mulheres, produzindo estudos epistemológicos acerca das relações entre gêneros. (NOVELLINO, 2018)

Por meio da análise dos conteúdos publicados nas redes sociais, Franchini (2017) sinaliza uma quarta onda do feminismo. Atualmente as ideias feministas têm adquirido visibilidade nas mídias, sobretudo, nas redes sociais. Assim sendo, as mulheres buscam expressar e desenvolver a liberdade, além de estabelecer a disseminação dos temas feministas.

De um modo geral, é possível notar que as ideias feministas bem como o movimento político iniciaram uma transformação na sociedade patriarcal, por meio das discussões a respeito da estrutura opressora na qual as mulheres estão submetidas. (TIBURI, 2018) Estas transformações mostram-se mais objetivas ao notar-se os produtos do processo de discussão e lutas sociais, como, por exemplo, a conquista de direitos pela Lei Maria da Penha (Lei N° 11.340 de agosto de 2006) e a Lei do Feminicídio (Lei N° 13.104 de março de 2015).

De um instrumento político a um movimento de reflexão social, o feminismo manifesta-se pela articulação de mulheres em busca de mudanças fundamentadas em uma visão crítica e desnaturalizante das relações de gênero. (BEAUVOIR, 2019) Dito de outra forma, são propostas reflexões acerca do patriarcado, relações de poder, machismo, direitos das mulheres, igualdade de gênero, violência doméstica e o empoderamento feminino, como aponta Solnit (2017, p. 178): “O feminismo é um esforço para mudar algo muito antigo, muito difundido e profundamente enraizado em muitas culturas, talvez a maioria delas em todo mundo. [...]”

Trazendo rupturas ocasionadas pela reflexão sobre os padrões patriarcais, o feminismo não é discutido apenas por mulheres que se consideram feministas. Com a conquista das mulheres em determinados espaços, a discussão sobre o feminismo se tornou ampla, gerando uma mudança no modo que algumas pessoas passaram a enxergar a sociedade, sejam mulheres ou homens. (RAGO, 1998) Esta mudança mostra-se importante, pois assim, homens e mulheres podem desenvolver relações de igualdade e respeito nas diferenças.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das Representações Sociais apresentada por Serge Moscovici diz respeito aos conceitos e significados que são atribuídos a aspectos e fenômenos sociais, com intuito de entender, identificar, orientar e justificar. Segundo Arruda (2002,

p. 141) podemos dizer que “toda representação se origina em um sujeito (individual ou coletivo) e se refere a um objeto”. O indivíduo ao ter contato com este objeto completamente novo, internaliza o mesmo e busca significá-lo através de conceitos já estabelecidos anteriormente, tornando familiar o que foi outrora desconhecido. (MORAES et. al., 2014) Permeando o senso comum, as representações sociais também são construções de pensamentos compartilhados entre as relações humanas, podendo ser reproduzidas de acordo com o meio em que o indivíduo está incluído. A partir do momento que o indivíduo se encontra em sociedade, ele está sujeito a adquirir e cooperar com a manutenção de inúmeras representações sociais. Neste processo, o contexto no qual está inserido e também a própria individualidade permeiam a formação e a construção das representações sociais. De uma maneira geral, é possível admitir que as representações sociais estão diretamente associadas à cultura de um grupo. Assim sendo, para o estudo das representações sociais é necessário a coleta de material sociocultural, utilizando diversas possibilidades metodológicas, tais como a observação, entrevistas, questionários, pesquisa documental, etc. (ARRUDA, 2002)

Neste trabalho buscou-se identificar as representações sociais a respeito do feminismo para acadêmicas do curso de psicologia.

Arruda (2000) diz que tanto a teoria feminista quanto a teoria de representações sociais assumem papel questionador na naturalização de paradigmas. Para isso levase em consideração aspectos culturais, contexto histórico e os comportamentos dos indivíduos. Esta ideia deve-se a noção geral de que os comportamentos são de algum modo influenciados pelas emoções e ideias que o indivíduo possui acerca dos objetos. Assim, como definido anteriormente, as representações sociais estão vinculadas diretamente a maneira como as pessoas pensam, sentem e comportam-se em relação ao objeto inicialmente desconhecido.

Buscando a igualdade de gênero e procurando entender os motivos que fazem com que homens e mulheres assumam posições hierárquicas, o feminismo, assim como as representações sociais mostram-se ferramentas de compreensão sobre a reprodução social, ou seja, a partir do estudo de como certos grupos se organizam, podem ter uma visão mais clara e crítica a respeito desta. Ambas possuem caráter social de forma a trazer novos estudos acerca do funcionamento coletivo da sociedade, permitindo questionamentos e abrindo espaço para reflexões.

Tal como a teoria feminista, a teoria das representações sociais estampa o mesmo empenho desconstrucionista frente aos problemas humanos. A teoria feminista vai visibilizar facetas desconhecidas até então ao descortinar a situação das mulheres, tanto com relação a problemas já identificados quanto a outros, que estavam por abordar. A teoria das representações sociais vai visibilizar facetas omitidas do conhecimento humano, valorizando o saber do senso comum, o universo consensual das conversações cotidianas e a criatividade das pessoas comuns ao traduzir a realidade. (ARRUDA, 2000, p. 119)

Apesar das semelhanças eminentes entre as duas teorias, há também grandes diferenças entre elas. O feminismo além de ser um movimento social, em sua essência possui um viés política perante as concepções sociais, enquanto a teoria das representações sociais busca de forma epistemológica, entender como determinados grupos se organizam, pensam e agem. (ARRUDA, 2000) É nítido o importante estudo social que ambas as teorias propõem, cada qual com sua particularidade, salientando que uma não elimina a relevância da outra e trabalhando juntas, podem trazer reflexões ainda mais profundas sobre o funcionamento da sociedade como um todo. Deve-se considerar as teorias como método de compreensão social, com objetivos em comum, porém com objetos diferentes.

CIÊNCIAS HUMANAS, MULHERES E A PSICOLOGIA

A partir do questionamento de suas funções, logo na primeira onda do feminismo, as mulheres passaram a conquistar espaços que antes eram ocupados apenas por homens, sendo na política, no trabalho e nas mais diversas funções sociais. Mesmo que este período tenha proporcionado pequenos avanços para as mulheres, as mesmas ainda eram colocadas em posições de menos favorecidas e ainda eram associadas ao trabalho doméstico. Tal movimento gerou um impulso para que as mulheres enxergassem possibilidades além das funções domésticas que lhe eram atribuídas devido a questão de gênero. Dessa forma, as mulheres adentraram o mercado de trabalho e também desenvolveram o interesse pelos estudos acadêmicos, deslocando-se para dentro das universidades. (FRANCHINI, 2017)

Ainda que tenham conquistado maior nível de escolarização, Andrade e Santos (2013) apontam que as questões que envolvem o gênero ainda permanecem

presentes. Assim, algumas profissões são vistas como “femininas” (enfermeira, professora, secretária, empregada doméstica, psicóloga) e outras como “masculinas” (médico, engenheiro, advogado). De acordo com as autoras, os homens exercem funções vistas como “bem-sucedidas”, enquanto as mulheres têm suas funções de trabalho associadas a carreiras de menos prestígio e de cuidado.

Devido ao contexto histórico no qual as mulheres foram significadas como portadoras de sabedoria, empatia e paciência, as profissões que vislumbravam categorias humanas passaram a ser a opção de escolha mais viável. (AGUIAR, 1997) A psicologia em si, possui um caráter humano inquestionável, afinal, é a ciência que estuda o comportamento do mesmo e suas diversas formas de pensamento, tornando-se naturalmente, uma ciência de interesse feminino.

Numa pesquisa quantitativa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia, dados apontam que cerca de 89% dos psicólogos registrados são mulheres. (ANDRADE & SANTOS, 2013) Esta informação corrobora com a análise do número de alunos de psicologia de uma instituição privada no interior de Minas Gerais. De uma maneira geral, a população feminina se sobressai. No ano de 2020, ano que este estudo foi efetuado, o curso de psicologia na instituição em que a pesquisa foi realizada conta com 112 alunos matriculados em 5 períodos, sendo 34 homens e 78 mulheres.

O Código de Ética do Profissional do(a) Psicólogo(a) descreve como “Princípios Fundamentais” os seguintes tópicos:

- I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.
- III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural. (CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO(A) PSICÓLOGO(A), 2005, p. 7)

Através de tais princípios éticos podemos visualizar algumas das características humanas acima citadas e que são frequentemente associadas ao trabalho das mulheres, principalmente na psicologia, onde a contribuição das mesmas é eminente. (ANDRADE & SANTOS, 2013)

METODOLOGIA

Inicialmente, o projeto de pesquisa tinha a intenção de abordar as turmas iniciais do curso de psicologia de uma instituição de ensino superior do interior de Minas Gerais com um questionário aplicado em homens e mulheres, com a proposta posterior do grupo focal aos interessados. Devido a pandemia proveniente do coronavírus (covid-19), a pesquisa teve que ser adaptada ao cenário de isolamento social, sendo aplicada de forma virtual. Sendo assim, o foco da pesquisa tornou-se todas as mulheres, não apenas as das turmas iniciais.

Tratando-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, foram realizados quatro processos fundamentais: O primeiro deles, iniciou-se com um questionário simples, encaminhado via e-mail para todas as acadêmicas do curso de psicologia de uma instituição de nível superior no interior de Minas Gerais. Foram enviados trinta e oito e-mails de acordo com a manifestação das mulheres que faziam parte do grupo virtual da universidade. Neste questionário foram solicitados dados identificatórios como idade, estado civil, se possui filhos, o nível de interesse inicial no curso de psicologia e na área da psicologia social. O questionário ficou aberto para respostas por dezoito dias após o envio, uma vez que estas informações deveriam ser analisadas e as participantes selecionadas para o grupo focal.

Todas as acadêmicas que aceitaram participar da pesquisa demonstraram concordância mediante autorização dada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encaminhado juntamente ao questionário via e-mail. O questionário foi respondido por vinte e oito mulheres. Dentre elas, a idade média é de 24 anos, sendo a mais jovem com 18 anos e a mais velha com 59 anos. A maior parte das mulheres que responderam o questionário são solteiras e sem filhos.

Visto que a segunda parte do processo de pesquisa envolvia a técnica de grupo focal, foi realizada uma seleção entre as acadêmicas que haviam respondido o questionário e demonstraram interesse em participar do grupo. Foram selecionadas duas alunas de cada período, com exceção do décimo, período em que nenhuma das alunas demonstrou interesse em responder o questionário. O método de seleção levou em consideração as respostas pessoais acerca do tema buscando trazer uma representatividade na diversidade de perfis entre as estudantes. Para realizar a

seleção das participantes foram avaliados idade, estado civil, se possui filhos, a disponibilidade de horário para participação do grupo, tal como o interesse ou não em psicologia social, visto que o feminismo trata-se de um movimento social. O interesse em psicologia social também foi um critério para seleção de acordo com o nível interesse das participantes, visto que o próprio feminismo trata-se de uma pauta social.

O **quadro 1** apresenta as participantes selecionadas e suas características:

Quadro 1 – Participantes Grupo Focal

Participante	Período	Idade	Estado Civil	Filhos	Interesse em Psicologia
A*	8°	39 anos	Casada	1	3
R*	8°	21 anos	Solteira	0	4
C*	6°	27 anos	Solteira	0	5
L*	6°	23 anos	Solteira	0	2
H*	4°	19 anos	Solteira	0	3
G*	4°	27 anos	Solteira	1	4
M*	2°	18 anos	Solteira	0	4
J*	Híbrida	59 anos	Viúva	2	5

Participante	Período	Idade	Estado Civil	Filhos	Interesse em Psicologia
A*	8°	39 anos	Casada	1	3
R*	8°	21 anos	Solteira	0	4
C*	6°	27 anos	Solteira	0	5
L*	6°	23 anos	Solteira	0	2
H*	4°	19 anos	Solteira	0	3
G*	4°	27 anos	Solteira	1	4
M*	2°	18 anos	Solteira	0	4
J*	Híbrida	59 anos	Viúva	2	5

Fonte: Questionário simples desenvolvido pela autora.

Foram selecionadas 9 mulheres, porém participaram 8, a segunda representante do 2° período não pode comparecer ao grupo.

O grupo focal ocorreu em data previamente combinada com as selecionadas, de acordo com a disponibilidade de horário de todas, em uma única sessão que teve em média a duração de duas horas e vinte minutos, realizado de forma virtual. ASCHIDAMINI E SAUPE (2004) apontam que a técnica de grupo focal se mostra cada vez mais presente em pesquisas de cunho qualitativo, pela sua dinâmica em grupo e o foco centralizado no tema. Usualmente, os grupos focais são realizados com seis a doze pessoas, com em média duas horas, não tendo um limite certo de sessões – pois varia de acordo com o tema estudado e o resultado que se deseja obter. Tal técnica também conta com a participação de um facilitador, que têm como objetivo a mediação das discussões feitas no grupo, se posicionando de forma imparcial perante as colocações dos participantes e auxiliando no fluxo da conversa.

Para interpretação das respostas do questionário referentes ao tema e também para análise do conteúdo gerado no grupo focal, foram utilizados os processos de

codificação e categorização, sendo o terceiro e o quarto passo do processo de pesquisa. Utilizando-se de codificação temática, em que “a questão da pesquisa é a distribuição social de perspectivas sobre um fenômeno ou um processo” (FLICK, 2013, p. 287), foram identificados através das respostas das acadêmicas, tanto no questionário, quanto no grupo focal, cerca de quatro códigos: Machismo, igualdade de gênero, liberdade feminina e estrutura patriarcal. Tal processo utilizou das características do feminismo para identificação dos códigos presentes nas respostas e na fala das universitárias.

RESULTADOS

Partindo primeiramente da análise do questionário simples, acerca da escolha do curso de psicologia o grupo se divide quase que por igual em informar que o curso foi a primeira opção (15) e escolha de segunda opção (13). Entre as áreas de atuação da psicologia de maior interesse, se sobressaíram: clínica, escolar, jurídica e social. Quanto a Psicologia Social, foi perguntado o interesse das participantes, partindo de níveis representados conforme o **quadro 2**:

Quadro 2 – Nível de Interesse em Psicologia Social

1 – Nenhum interesse	2 participantes
2 – Pouco interesse	3 participantes
3 – Interesse médio	10 participantes
4 – Interesse	8 participantes
5 – Muito interesse	5 participantes

Fonte: Questionário simples desenvolvido pela autora.

Quanto às perguntas específicas a respeito do tema, 100% das participantes consideram válida a discussão acerca do feminismo como movimento social dentro da psicologia. Vinte e sete conhecem o feminismo e tiveram esse conhecimento através da internet e outros meios de comunicação, e também por intermédio de outras mulheres. Quando perguntado se o Brasil é um país machista, vinte e seis delas responderam que sim, salientando aspectos como a submissão histórica das mulheres,

a desigualdade salarial, a violência doméstica, a repressão sexual através do modo de se vestir da mulher, entre outros aspectos que falam da submissão da mulher perante a imagem do homem. Apenas duas responderam que não consideram o Brasil um país machista, pois “[...] *percebo que a mulher tem tido sim voz no país, porém existem brasileiros machistas sim!*” (P*, através do questionário simples) Vinte e uma das participantes do questionário demonstraram interesse em participar do grupo focal, sendo assim, sete não demonstraram interesse.

Quanto ao grupo focal, todas as questões foram direcionadas ao feminismo de forma que as participantes pudessem debater e expor suas opiniões. A maioria das respostas foram respondidas com as participantes complementando e agregando informações às respostas dadas pelas outras.

De uma maneira geral, as participantes entendem o feminismo como “força”. Essa noção aparece associada a imagem de união entre várias mulheres em prol de direitos em comum, pautadas na igualdade de gênero e também na liberdade de expressão feminina. Embora esta imagem apareça em primeiro momento, as participantes sinalizaram que esta ideia não desconsidera a individualidade de cada mulher, presente na fala de C*: “*O feminismo é plural. [...] Por mais que seja uma luta unificada, têm particularidades de cada grupo.*” A individualidade sinalizada pelas participantes parte da premissa da interseccionalidade, pauta que começou a ser discutida na terceira onda do feminismo.

Todas as participantes se consideram feministas pelo posicionamento comum em concordância com as premissas do feminismo em si. Trouxeram para discussão um pouco da visão negativa em torno da palavra “feminista” e o desconhecimento das pessoas que interpretam o feminismo com uma visão errônea, presumindo que se trata de um termo pejorativo e o contrário do termo ‘machismo’. O conhecimento que possuem sobre o tema é voltado para questões socialmente aplicáveis como a busca pelo espaço da mulher, a luta por salários igualitários, a conquista de métodos contraceptivos que marca o avanço da mulher exercendo o controle sobre seu próprio corpo e por vislumbrarem através dos anos a repressão histórica gerada pelo machismo por meio da violência, submissão, opressão e padrões estéticos. Ainda que saibam desses aspectos do feminismo, se mostraram mais uma vez interessadas em saber ainda mais sobre o tema. O fato de todas as participantes se considerarem

feministas é um agravo para o estudo, visto que não traz uma visão contrária, onde as não feministas expressaram sua opinião. Entretanto, vale salientar novamente que as participantes do grupo foram selecionadas de acordo com o interesse em participar do mesmo.

A participante L* relata que teve maior acesso a temas feministas a partir da sua entrada no curso de psicologia e também devido a sua participação de grupos universitários onde o tema era frequentemente abordado.

Quanto ao sentimento vivenciado ao tratar das ideias feministas, as mais jovens demonstraram certa frustração perante a aplicabilidade prática, pois, percebem o machismo ainda sendo reproduzido de forma contínua no trabalho, nas instituições de ensino e até mesmo dentro de casa. Foi manifestado também o sentimento de incompreensão acerca das ideias tratadas pelo feminismo, não somente pelos homens, mas também por outras mulheres. As participantes mais velhas, manifestaram o sentimento de esperança, construção e oportunidades, gerado pelos ganhos do feminismo através do tempo e pelo espaço que o movimento tem conquistado. Os sentimentos distintos entre as participantes mais jovens e as mais velhas provém das transformações sociais pontuais que as participantes mais velhas de alguma forma presenciaram, de acordo a colocação da participante J*, de 59 anos: *“Muitas mulheres lutaram e chocaram a sociedade da minha época dizendo que as mulheres também podem ter seus direitos.”*

As participantes conseguem visualizar as ideias do feminismo sendo aplicadas por meio das próprias atitudes cotidianas: acolhendo outras mulheres, tendo liberdade financeira, oportunidade de estudar, direito ao voto, não submissão e o posicionamento efetivo sobre suas opiniões. O compartilhamento do conhecimento do próprio feminismo com outras mulheres também foi colocado como maneira de prática do feminismo no dia a dia, por meio de grupos de mulheres que se unem para tal discussão.

Segundo Silva (2018) a construção das representações sociais intervém na forma que o conhecimento é compreendido e reproduzido, tal conceito pode ser visualizado através do desenvolvimento do grupo. Perante o posicionamento das participantes podemos identificar vários conceitos em comum entre elas e também aspectos antigos do feminismo que são reproduzidos desde a segunda onda, como as relações

opressoras manifestadas através do machismo e também discussões a respeito de métodos contraceptivos. As participantes mais jovens tiveram acesso as ideias do feminismo por meio da reprodução do tema no ambiente nos quais estavam inseridas – seja em casa, na própria faculdade ou outros espaços ocupados por mulheres.

Apesar de manifestarem a vontade de compreenderem mais o tema, esse interesse parte daquilo que já conhecem ou já tiveram acesso a respeito do feminismo. Ainda que definam o feminismo como “força” e “luta”, conseguem visualizar o movimento para além do próprio entendimento.

Ainda que definam o feminismo como “força” feminina, onde as mulheres unidas conseguem avanços significativos na “luta” contra pensamentos machistas, as participantes manifestam a vontade de compreender mais do feminismo. Tal interesse parte daquilo que já tiveram acesso a respeito do tema e do que conseguem visualizar do mesmo para além do próprio entendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos códigos estabelecidos no processo de codificação e categorização, foi possível identificar na fala das participantes do grupo focal questões que ainda são presentes nas lutas do feminismo. O machismo, por exemplo, ainda é reproduzido socialmente em grande quantia e impede diretamente o avanço do feminismo em vários âmbitos, sejam sociais, econômicos ou políticos. Tal machismo é manifestado por uma condição cultural e histórica que acontece desde os primórdios da humanidade em que o gênero masculino exerce o poder de opressão sobre o gênero feminino. (BEAUVOIR, 2019)

Ainda segundo Beauvoir (2019, p. 95 vol. I), “quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania”. Estas situações trazem inúmeras consequências para as mulheres, como o sentimento de frustração perante as conquistas ainda não aplicáveis na prática, relatado pelas participantes do grupo. Pois, ainda que conquistem espaço e tenham voz ativa, a sociedade ainda apresenta traços de pensamentos patriarcais.

Com a crescente manifestação das mulheres em favor da liberdade, o feminismo assume maior espaço por promover a consciência de que as mulheres são donas de seus próprios corpos. (TIBURI, 2018)

Mesmo que a emancipação da mulher em sociedade seja visível, o progresso de tal movimento é vagaroso. Até então, as reflexões a respeito igualdade de gênero ainda são postas em discussão. Além do pensamento de desejar direitos iguais aos dos homens, tal como igualdade salarial e o direito de ir e vir em segurança, as mulheres ainda questionam as funções que lhe foram destinadas. Apesar dos avanços do feminismo no decorrer da história, ele ainda está em construção e constante deslocamento.

A partir da percepção do grupo focal, podemos observar que as representações sociais do feminismo estão em torno dos ganhos do movimento através do tempo e também por meio do empoderamento feminino, interpretados através dos códigos força e luta. É perceptível também na fala das participantes que o feminismo ainda tem como discussão muitas pautas antecessoras, tal como a discussão sobre papéis desempenhados, como na primeira onda, o estupro e direitos reprodutivos, como na segunda onda e a interseccionalidade ainda mais presente nos dias atuais, proveniente da terceira onda.

A psicologia busca a autenticidade do ser humano independente de gênero, posição social, raça e crença. De acordo com o código de ética profissional que os rege, o psicólogo tem o papel de promover liberdade, dignidade e igualdade. Sendo assim, as representações do feminismo e o próprio feminismo em si, talvez venha a ser uma pauta a ser discutida no âmbito acadêmico. Não somente por mulheres feministas, como foi feito nesta pesquisa, mas também por mulheres não feministas e homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

ARRUDA, Angela. **Feminismo, Gênero e Representações Sociais**. Rio de Janeiro:

Textos de História, vol. 8., 2000.

ARRUDA, Angela. **Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero**. Rio de Janeiro: Cadernos de Pesquisa, N° 117, 2002.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira; SANTOS, Helena Miranda dos. **Gênero na**

Psicologia: Articulações e Discussões. Salvador, 2013.

ASCHIDAMINI, Ione Maria; SAUPE, Rosita. **Grupo Focal Estratégia Metodológica**

Qualitativa: Um ensaio teórico. Cogitare Enfermagem, [S.l.], v. 9, n. 1, June 2004.

ISSN 2176-9133. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700>>.

Acesso em: 10 jun. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, vol I: Fatos e mitos**. 5° Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, vol II: A experiência vivida**. 5° Edição.

Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019.

BRASIL. Lei N° 11.340 de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Brasília, DF.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-

[2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em 30 out. 2020.

BRASIL. Lei N° 13.104 de 9 de março de 2015. **Lei do Feminicídio**. Brasília, DF.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-

[2018/2015/lei/l13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm)>. Acesso em 30 out. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**.

18ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.

COSTA, Suely Gomes. **Movimentos Feministas, Feminismos**. Florianópolis:

Estudos Feministas, 2004.

FAHS, Ana C. Salvatti. **Movimento Feminista e sua história no Brasil**. Politize!,

2016. Disponível em: <[https://www.politize.com.br/movimento-](https://www.politize.com.br/movimento-feminista/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAiA-f78BRBbEiwATKRRBDZLEb6fZ13V86LaGiRD5laza1Ouw7wcJLWg-FuPDo3Vmate97BhxoCnnlQA)

[feminista/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAiA-](https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAiA-f78BRBbEiwATKRRBDZLEb6fZ13V86LaGiRD5laza1Ouw7wcJLWg-FuPDo3Vmate97BhxoCnnlQA)

[f78BRBbEiwATKRRBDZLEb6fZ13V86LaGiRD5laza1Ouw7wcJLWg-](https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAiA-f78BRBbEiwATKRRBDZLEb6fZ13V86LaGiRD5laza1Ouw7wcJLWg-FuPDo3Vmate97BhxoCnnlQA)

[FuPDo3Vmate97BhxoCnnlQA](https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAiA-f78BRBbEiwATKRRBDZLEb6fZ13V86LaGiRD5laza1Ouw7wcJLWg-FuPDo3Vmate97BhxoCnnlQA)>. Acesso em 30 out. 2020.

FARIAS MONTEIRO, K.; GRUBBA, L. S. **A luta das mulheres pelo espaço público**

na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. Direito e

Desenvolvimento, v. 8, n. 2, p. 261-278, 7 dez. 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª Edição. São Paulo: Editora

Artmed, 2009.

FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?** Revista QG Feminista, 2017.

Disponível em: <[https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-](https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-dofeminismoeeed092dae3a)

[dofeminismoeeed092dae3a](https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-dofeminismoeeed092dae3a)>. Acesso em: 17 set. 2020.

MORAES, Patrícia Regina de.; et. al. **A Teoria das Representações Sociais**.

Disponível em <[http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-](http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/teoria_representacoes.pdf)

[content/uploads/sites/10001/2018/06/teoria_representacoes.pdf](http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/teoria_representacoes.pdf)>. Acesso em 10 jun.

2020.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Porto Alegre: Revista Educação, 1999.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. **Movimento Feminista No Brasil No Século XX.**

Rio de Janeiro: Revista Feminismos, 2018.

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História.** Florianópolis: Ed.

Mulheres, 1998.

SILVA, Tamires Barbosa Rossi. **Representações Sociais: Transformações e**

Dissidências no Movimento Feminista, LGBT e Transfeminismo. São Paulo:

Revista Pesquisa Qualitativa, 2018.

SOLNIT, Rebecca. **Os Homens Explicam Tudo Para Mim.** São Paulo: Editoria Cultrix,

2017.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum: Para todas, todes e todos.** 6° Edição. Rio

de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.